

Letramentos e desinfodemia: o leitor modelo do serviço de checagem de fatos “Saúde sem Fake News” na pandemia de COVID-19

Literacies and disinfodemic: the model reader of “Saúde sem Fake News” fact-checking website in the COVID-19 pandemic

Augusto Vinicius de OLIVEIRA¹

Fabiana KOMESU²

RESUMO: Com base em pressupostos dos Estudos de Letramentos Críticos e da Análise do Discurso de linha francesa, este artigo tem como objetivo discutir a imagem de leitor modelo – isto é, a imagem virtual de um leitor preexistente àquele que efetivamente lidará com o texto produzido – projetada pelo serviço de checagem de fatos “Saúde sem *Fake News*”, do Ministério da Saúde (MS) do Governo Federal do Brasil, no enfrentamento à desinformação (desinfodemia) sobre a COVID-19. O conjunto do material é formado de 85 (oitenta e cinco) produções textuais verbovisuais publicadas entre janeiro e junho de 2020, então disponíveis para acesso público e gratuito em plataformas digitais do MS. A análise de cunho descritivo e qualitativo está voltada a investigar se havia retomada total, retomada parcial ou ainda nenhuma retomada do objeto checado, considerando a projeção de determinadas competências do público leitor. Os resultados apontam para uma imagem de leitor que oscila entre o especializado e aquele com formação científica pouco ou não consolidada, preocupado com a assertividade do fato checado, em termos de “verdadeiro” ou “falso”, e para quem o serviço contribui de maneira pontual na promoção de letramento científico.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento digital. Letramento científico. Desinfodemia. Checagem de fatos. COVID-19.

ABSTRACT: This article analyses the image of a model reader projected by the fact-checking website “Saúde sem Fake News” (Health without Fake News), from the Brazilian’s government Ministry of Health, in the confrontation against disinformation (disinfodemic) about COVID-19. A model reader is a virtual image of a preexisting reader to the one that will effectively deal with the text produced. The theoretical framework is based on studies from Critical Literacy Studies and French Discourse Analysis. The delimited corpus is made up of 85 (eighty-five) visual-verbal textual productions published between January and June 2020, then available to the public and free access was granted through the Ministry’s digital platforms. The descriptive and qualitative analytic approach seeks to investigate whether there was a total recapture, a partial recapture or even no recapture of the checked object, considering the projection of certain competences of the reading public. The concluding findings show that this image ranges between an expert reader

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Letras; Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas; Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; augusto.vinicius@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0002-5974-6988>; Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo nº. 2021/09235-7). Parte deste trabalho recebeu apoio do Programa de Iniciação Científica da Unesp (Edital PROPe Unesp nº. 01/2020, processo 1419).

² Professora doutora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários e do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos; Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas; Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; fabiana.komesu@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0002-3820-1559>.



and one with little or no consolidated scientific training, concerned with the assertiveness of the fact checked in terms of “true” or “false”, and for whom the service contributes in a timely manner in the promotion of scientific literacy.

KEYWORDS: Digital literacy. Scientific literacy. Disinfodemic. Fact-checking. COVID-19.

Introdução

Este trabalho se insere, por um lado, nos Estudos de Letramentos Críticos (MCLAREN, 1988) que buscam observar as dimensões ideológica e institucional de práticas sociais de leitura e escrita, considerando como podem promover cidadania que permita ao sujeito analisar aspectos que caracterizam os interesses de diferentes grupos da sociedade; por outro, nos estudos advindos da Análise do Discurso de linha francesa, no que respeita a uma noção de leitor modelo (MAINGUENEAU, 2001) de mídias, levando em conta competências comunicativas requeridas desse sujeito na relação com modos de comunicação das instituições na contemporaneidade.

Na conjuntura da COVID-19,³ busca-se discutir a imagem de um leitor modelo projetada a partir de argumentos apresentados pelo serviço de checagem de fatos (*fact-checking*) “Saúde sem *Fake News*” do Ministério da Saúde (MS) do Governo Federal do Brasil. O conjunto do material é formado de 85 (oitenta e cinco) produções textuais verbais publicadas pelo MS entre 29/01/2020 e 08/6/2020, disponíveis à época para acesso público e gratuito em plataformas digitais do MS (*site* institucional e páginas eletrônicas institucionais do Facebook, Instagram e Twitter). Parte-se da hipótese de que um serviço de checagem de fatos do Governo Federal, voltado à população de um país diverso como o Brasil, necessita selecionar argumentos específicos para atingir diferentes grupos sociais num contexto de crise pandêmica, no qual há ampla circulação de informações falsas ou enganosas. A questão que se procura problematizar está, pois, voltada à imagem de leitor e a competências de leitura projetadas com base nas devolutivas desse serviço de checagem de fatos.

Letramentos e desinfodemia: a questão do leitor

A COVID-19 – declarada pandemia, doença epidêmica de ampla disseminação, pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em 11/3/2020 – contabilizava, até 14/4/2022, 501.970.999 casos de contaminados e 6.190.360 mortos no mundo, segundo dados da universidade norte-americana *Johns Hopkins* (*Johns Hopkins University* – JHU).⁴ Com a circulação da variante Ômicron, os Estados Unidos chegaram a notificar, em 10/01/2022, recorde de novos casos, na ordem de mais de um milhão de infectados por dia.⁵ No Brasil, a queda no sistema de notificação oficial do Ministério da Saúde, em 10/12/2021, em decorrência de ataque cibernético,⁶ e a ausência de sua regularização até o início do ano

³ Acrônimo de *Corona Virus Disease*, sendo 19 referência a 2019, ano em que os primeiros casos foram notificados na China. O agente coronavírus produz uma doença respiratória que pode variar de leve a moderada, podendo chegar a ser grave, levando a óbito. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/guia-coronavirus/assets/images/informativo-corona-virus-v07.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2022.

⁴ Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>. Acesso em: 14 abr. 2022.

⁵ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eua-voltam-a-registrar-mais-de-1-milhao-de-casos-de-covid-19-e-batem-novo-recorde/>. Acesso em: 14 abr. 2022.

⁶ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/alguns-descuidos-basicos-podem-explicar-ataque-hacker-ao-ms-diz-especialista/>. Acesso em: 14 abr. 2022.



seguinte, com consequente subnotificação, impediam avaliação concreta de casos e óbitos no país, com prejuízo para condução de políticas públicas de enfrentamento da COVID-19 e seus efeitos sociais.

A vacinação, uma das importantes medidas de controle da transmissão da doença, teve início em dezembro de 2020 em diferentes países. No mundo, 11.132.249.597 doses tinham sido administradas até 14/4/2022, conforme dados da JHU. No Brasil, até 06/01/2022, 82,1% da população havia recebido a primeira dose da vacina e 75,6%, duas doses ou dose única, segundo levantamento feito pelo Consórcio de Veículos de Imprensa a partir de dados divulgados por Secretarias Estaduais de Saúde.⁷ Em 05/01/2022, o MS anunciou a inclusão de crianças de 05 a 11 anos no programa nacional de vacinação contra a COVID-19, com o início da campanha em 14/01/2022.⁸

Medo da doença e da morte, preocupação com os mais próximos e vulneráveis, ansiedade, desconhecimento dos efeitos do novo coronavírus, associados a um fluxo de informação em mídias digitais e à desconfiança de instituições tradicionais numa conjuntura de pós-verdade (MCINTYRE, 2018), fizeram com que um comportamento “viral”, caracterizado pela disseminação de notícias falsas, imprecisas ou enganosas sobre essa doença, se espalhasse numa **infodemia** (ZARACOSTAS, 2020), num processo de desinformação, como comentado a seguir, com prejuízo para a informação de qualidade, a saúde e as democracias (KOMESU, ALEXANDRE, SILVA, 2020; ASSIS, KOMESU, FLUCKIGER, 2020).⁹

Como observam Assis, Komesu e Pollet (2021), o problema da desinformação inclui, numa concepção restrita, notícias falsas verificáveis – as chamadas *fake news*. Numa concepção ampla, entretanto, dizem as autoras, envolve não apenas informações verificáveis, mas ainda: (i) estratégias de fabricação e manipulação de notícias; (ii) estratégias de produção do verossímil em certas atividades de publicidade e propaganda as quais exploram os limites do verossímil para constituírem o valor de troca, por exemplo, de uma mercadoria; ou ainda, (iii) estratégias de linguagem como a sátira e a paródia, sabidamente recursos que se definem pela exploração dos limites da verossimilhança (idem).

No caso do compartilhamento de informação sobre COVID-19, seriam esperadas do leitor competências de letramentos científico, entendidas como identificação de questões científicas, com possibilidade de distinção entre ciência e não ciência, de compreensão da ciência e de suas aplicações (NORRIS; PHILLIPS, 2003). Dito de outro modo, seria esperado que o sujeito (usuário direto ou indireto de mídias digitais) fosse capaz de sustentar uma posição crítica em relação aos limites do verossímil quando do cruzamento de práticas de letramentos com estratégias provenientes de outras práticas (de consumo acentuado de informação em mídias digitais), numa formação leitora crítica (MCLAREN, 1988) e científica de qualidade, segundo competências comunicativas da contemporaneidade.

⁷ Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/bemestar/vacina/2021/mapa-brasil-vacina-covid/>. Acesso em: 06 jan. 2022. O consórcio é formado pelos veículos de imprensa *Extra*, *Folha de S. Paulo*, *G1*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo* e *UOL*.

⁸ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/leia-como-vai-funcionar-vacinacao-de-criancas-contra-covid/>. Acesso em: 14 abr. 2022.

⁹ Tecnologias digitais têm sido amplamente empregadas em práticas não escolares, na busca de informação sobre a doença. O Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI, 2020) constatou, no relatório *Painel TIC COVID*, aumento da busca *on-line* por informações relacionadas à saúde no período da pandemia de COVID-19. O aumento de cerca de 15% em relação ao que havia sido apurado no relatório *TIC Domicílios 2019* permite refletir tanto sobre o uso de tecnologias digitais em práticas sociais de leitura e escrita, na procura de informação de qualidade, quanto sobre a possibilidade de alcançar serviços de saúde de qualidade, em diferentes grupos sociais nos quais, como é sabido, há desigualdade de acesso a práticas escolares formais e a ferramentas digitais.



Posetti e Bontcheva (2020) consideram que a desinformação referente à COVID-19 “[...] é mais tóxica e mais letal que a desinformação sobre outros assuntos [...]” porque “[...] cria confusão referente à ciência médica, com impacto imediato em todas as pessoas do planeta e em sociedades inteiras” (POSETTI; BONTCHEVA, 2020, p. 1). Referem-se, portanto, à problemática como uma **desinfodemia**, fenômeno propiciado exclusivamente pela desinformação relacionada à COVID-19, por motivações políticas, sociais e econômicas.

Levando em conta ampla propagação e disseminação da desinfodemia, comparativamente à da informação de qualidade, assume-se como de fundamental relevância a implementação de ações institucionais no combate à COVID-19 e às suas consequências sociais. Dentre as ações vinculadas à formação científica, estão, como apontam Siarova, Sternadel e Szönyi (2019), serviço de checagem de fatos, voltado à leitura crítica de notícias que circulam em plataformas digitais. É num contexto de enfrentamento da desinformação generalizada que emerge o “Saúde sem *Fake News*”, serviço de checagem de fatos do MS do governo brasileiro.

Essa ferramenta digital de comunicação institucional dirigida à sociedade, criada em agosto de 2018, como apresentado a seguir, e com atuação até julho de 2020 – mês em que o Brasil atingia o maior número de mortes por COVID-19 (32.912), no comparativo com os demais meses daquele ano¹⁰ –, notabilizou-se como tendo o potencial de contribuir para a formação científica do leitor, sobretudo, no contexto de desinfodemia, aproximando-se, assim, de práticas sociais letradas relacionadas a ciências e a temáticas de interesse coletivo, nas quais esse leitor tem ser confrontado (a exemplo do que ocorre em quaisquer práticas de linguagem) com dimensões ideológicas constitutivas dos modos de produção e circulação da (des)informação. O leitor tem, pois, papel importante numa lógica de colaboratividade e de criação de conteúdo em redes sociodigitais (PAVEAU, 2021), na edição e no compartilhamento (ou não) de textos multimodais que possam resultar em desinformação/desinfodemia.

Neste artigo, buscamos investigar a imagem de um leitor modelo projetada a partir de argumentos apresentados pelo serviço de checagem de fatos “Saúde sem *Fake News*” do Ministério da Saúde do Brasil. Partimos da noção de **leitor modelo** de Maingueneau (2001), que a concebe como a construção de uma imagem virtual de leitor preexistente à de um leitor que efetivamente lerá o texto produzido. Nessa projeção, Maingueneau (2001) propõe que o sujeito que escreve deve prever aptidões e competências de que o leitor teria de dispor no entendimento do comunicado, considerando que “antes de ser um **público empírico** [...], [o destinatário] é apenas uma espécie de imagem à qual o sujeito que escreve deve atribuir algumas aptidões” (MAINGUENEAU, 2001, p. 47, grifos no original). Relacionadas ao ato de comunicação verbal, essas aptidões e competências dividem-se em três instâncias que têm um papel importante na produção e interpretação dos sentidos: a competência comunicativa/genérica, a competência linguística e a competência enciclopédica, definidas, respectivamente, como domínio de leis do discurso e de gêneros do discurso, necessário para produção e interpretação de enunciados; “domínio da língua em questão”; e domínio “de um número considerável de conhecimentos sobre o mundo” (MAINGUENEAU, 2001, p. 41).

A comunicação verbal é, pois, concebida por Maingueneau (2001) como processo cooperativo em que o leitor modelo, antes de existir como público concreto, irrompe como imagem em recortes temáticos, de vocabulário, de tratamento do texto no processo comunicativo. Em textos produzidos para grandes públicos, Maingueneau (2001, p. 50) considera a existência de públicos temáticos, em que a construção do público se dá por exclusão, e públicos generalistas, em que as produções “excluem um mínimo de categorias

¹⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/07/28/covid-mortes-julho-de-2021-julho-de-2020.ghtml>. Acesso em: 14 abr. 2022.



de leitores”. Em ambos os casos, as previsões sobre o leitor modelo são dependentes de condições sócio-históricas de sua produção, como o estatuto do autor, o estatuto do leitor e o estatuto do fato representado.

Um serviço de checagem de fatos como “Saúde sem *Fake News*” constitui-se como ferramenta de propagação de informação de qualidade, de base científica, voltada a um público generalista de leitores com formação distinta, cujo interesse comum é o de obter resposta institucional que subsidie ações de enfrentamento a doenças, num contexto marcado tanto pela desinfodemia quanto pelo acesso a informações advindas de diversos campos disciplinares, em quantidade e em qualidade, e que ultrapassam a experiência vivida dos próprios sujeitos.

Material e procedimentos de investigação: o serviço de checagem de fatos “Saúde sem *Fake News*”

O serviço de checagem de fatos “Saúde sem *Fake News*” foi lançado em 27 de agosto de 2018, na gestão do então Ministro da Saúde, Gilberto Occhi (Progressistas), no Governo Michel Temer, em período anterior, portanto, ao da pandemia da COVID-19, mas já num momento reconhecido como de enfrentamento ao compartilhamento massivo de informações relacionadas à saúde e ao bem-estar dos cidadãos. Monari e Bertolli Filho (2019) explicam que essa iniciativa surge em resposta a levantamento realizado pelo MS por ocasião da constatação de que doenças combatidas pelo Plano Nacional de Imunização (PNI), como sarampo e poliomielite, e doenças endêmicas, como febre amarela, tinham voltado a ter protagonismo no quadro epidemiológico da saúde brasileira, em razão da circulação de informações falsas ou enganosas e do avanço do negacionismo científico, com a ascensão de movimentos antivacina.

Em vídeo publicado na rede social Facebook, o MS apresentava o serviço por meio da simulação de uma conversa entre familiares em um grupo de WhatsApp,¹¹ numa representação de cena comum no Brasil. “Saúde sem *Fake News*” é assim apresentado como canal direto entre o MS e a população, com o objetivo de desmentir notícias falsas ligadas à saúde pública. O cidadão, interessado em saber se uma notícia recebida por aplicativo de mensagem ou em mídias digitais é verdadeira ou falsa, deveria encaminhar o texto para um número de contato de WhatsApp (à época, 61 99289-4640). Se a mensagem fosse considerada pertinente ao serviço, seria apurada pela área técnica e direcionada à equipe multimídia, para posterior devolutiva por meio de canais de comunicação do MS, com o selo de “verdadeiro” ou “falso”, como pode ser visto na Figura 1, a seguir:

¹¹ Até abril de 2022, o vídeo acumulava cerca de 40 mil visualizações e 600 interações, entre “curtidas” (*likes*) e comentários. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=309429646491408>. Acesso em: 14 abr. 2022.

Figura 1: Selos atribuídos pelo serviço do MS a *posts* checados

Fonte: Site do MS.

Segundo Cambricoli (2018), em agosto de 2018, primeiro mês de funcionamento, o serviço recebeu 1.597 consultas. Dessas, 310 (19,4%) foram classificadas como notícias falsas ou enganosas (“Isto é *fake news!*”). À época, a equipe monitorava diariamente cerca de sete mil publicações, buscando identificar focos de informações que pudessem trazer prejuízo para a saúde da população em geral e não apenas para a dos usuários do serviço (CAMBRICOLI, 2018). Estudos como os de Vieira, Silva e Cordeiro (2019), Monari e Bertolli Filho (2019), Garcia e Duarte (2020) e Neto *et al.* (2020), entre outros, voltaram-se à importância desse serviço no combate à desinformação, priorizando características das *fake news* recebidas e avaliadas pelo serviço, em contexto vinculado ou não ao da COVID-19. A questão do leitor não era, entretanto, objeto da discussão daqueles textos, ainda que se possa reconhecer a importância do papel do leitor num contexto de compartilhamento de informações a um “clique” de dispositivos móveis.

Em 2020, com base no registro de casos do novo coronavírus no mundo, o serviço passou a analisar conteúdos relacionados à COVID-19, a exemplo de métodos caseiros de prevenção e cura da doença e teorias da conspiração envolvendo sua origem e seu modo de circulação. O “Saúde sem *Fake News*”, cujo surgimento estava atrelado a uma resposta institucional à população brasileira sobre desinformação, com foco em assuntos gerais de ciência e saúde, passou, então, a constituir uma maneira de mitigar as consequências da desinfodemia. Considerando a distribuição de conteúdo verificado pelo serviço como recurso utilizado na luta contra a negação do real (CARUSO; MARQUES, 2021) e a ampla circulação das checagens na internet como procedimento relevante no funcionamento do chamado “discurso digital nativo” (PAVEAU, 2021), pode-se dizer que iniciativas como as desse serviço são fundamentais para a formação científica do leitor, em contexto de pós-verdade caracterizado não apenas por medo e desconfiança de instituições tradicionais (MCINTYRE, 2018), mas por excesso de acesso a informações de cunho científico, ao mesmo tempo em que há forte crescimento da evasão escolar em países como o Brasil, em todos os níveis.¹²

Neste estudo, o conjunto do material é formado de 85 (oitenta e cinco) produções textuais verbais divulgadas pelo serviço de checagem de fatos “Saúde sem *Fake News*” em sua página eletrônica e em plataformas digitais do MS (Facebook, Instagram e Twitter) no período de 29/01/2020 a 08/6/2020. A partir dessa última data, o serviço foi descontinuado e não houve mais publicação de *posts* ou respostas às

¹² Projeto de lei nº. 4458/2021, proposto pelo senador Flávio Arns (PODE-PR), propõe ação entre governo e sociedade civil para garantir matrícula de todos que estejam em idade escolar, considerando os impactos da pandemia na dimensão da educação (disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2021/12/22/projeto-declara-2022-como-o-201cano-da-busca-ativa-contra-evasao-escolar>. Acesso em: 14 abr. 2022).

mensagens encaminhadas via aplicativo WhatsApp.¹³ A coleta do material foi realizada por meio de *printscreen* das produções textuais verbais. Cada imagem foi arquivada em editor de texto, visando privilegiar a disposição gráfica da devolutiva institucional produzida para o leitor do serviço. O número de *posts* é referente às notícias checadas sobre o novo coronavírus, assim classificadas pelo MS.¹⁴

A Tabela 1 apresenta o quantitativo de *posts* por mês e sua representação em porcentagem (%), no período investigado:

Tabela 1: Quantidade de *posts* por mês no ano de 2020

Mês	Quantidade de <i>posts</i>	%
Janeiro	15	17,6
Fevereiro	29	34,1
Março	27	31,8
Abril	11	13
Mai	2	2,3
Junho	1	1,2
TOTAL	85	100

Fonte: Elaborado pelos autores.

A análise de cunho descritivo e qualitativo privilegiou a investigação da projeção de um leitor modelo, de suas aptidões e competências, com base no tipo de devolutiva apresentado pelo serviço, levando em conta:

- (i) **retomada total do objeto checado** – quando há apresentação de uma justificativa circunstanciada para a atribuição do selo “Isto é *fake news!*” ou “Esta notícia é verdadeira”, no que respeita ao objeto checado;
- (ii) **retomada parcial do objeto checado** – quando apenas parte do objeto checado é retomada na justificativa apresentada ao leitor para atribuição do selo “Isto é *fake news!*” ou “Esta notícia é verdadeira”;
- (iii) **nenhuma retomada do objeto checado** – quando há apresentação de um texto padronizado de orientação sobre a doença, independentemente do objeto checado.

Com base nesses critérios, voltamos o olhar à análise das 85 (oitenta e cinco) produções textuais verbais do serviço “Saúde sem *Fake News*”, buscando investigar a projeção de um público leitor generalista interessado na checagem de fatos sobre a COVID-19. Cada uma das produções textuais verbais publicadas pelo MS foi analisada em confronto com o *post* objeto da checagem, levando em conta o grau de

¹³ Foi verificada a publicação de um *post* na página eletrônica do MS em 17/7/2020. Esse *post*, entretanto, foi excluído do conjunto do material, visto que não há checagem de notícia. Trata-se de texto de orientação sobre alimentação e notícias falsas na relação com a COVID-19. A partir de janeiro de 2022, não era mais possível acessar essa página eletrônica por meio do *site* do MS. Recuperamos o acesso a essa página por meio do recurso *Wayback Machine*, da organização [Internet Archive](https://web.archive.org/web/20210419114723/https://antigo.saude.gov.br/fakenews/47213-alimentacao-e-fake-news). Disponível em: <https://web.archive.org/web/20210419114723/https://antigo.saude.gov.br/fakenews/47213-alimentacao-e-fake-news>. Acesso em: 14 abr. 2022.

¹⁴ A partir de janeiro de 2022, não era mais possível acessar essa página eletrônica por meio do *site* do próprio MS. O recurso *Wayback Machine* foi utilizado para a recuperação do arquivo. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20211107004226/https://antigo.saude.gov.br/component/tags/tag/novo-coronavirus-fake-news>. Acesso em: 14 abr. 2022.



aproximação ou de distanciamento com o que textualmente havia sido apresentado. A assunção desse procedimento permitiu avaliar, de um ponto de vista metodológico, uma categorização dos *posts* produzidos pelo MS, na investigação de aptidões e competências projetadas para determinado público, segundo uma sistematização de dados “visível” ao próprio leitor usuário do serviço. No âmbito dos estudos de letramentos críticos, trata-se de uma forma de conhecimento de interesse da formação acadêmico-científica. De um ponto de vista teórico, a assunção do conceito de interdiscursividade, segundo o qual discursos anteriores se relacionam implícita ou explicitamente com um discurso particular (MAINGUENEAU, 2004), implicaria a proposição de apenas dois dos critérios (“retomada total do objeto checado” e “retomada parcial do objeto checado”), uma vez que sempre haveria a possibilidade de retomada de dizeres em outros dizeres, mesmo que não seja na ordem de uma transparência absoluta dos sentidos. A manutenção do terceiro critério (“nenhuma retomada do objeto checado”) é justificada por permitir discutir o modo de funcionamento do serviço de checagem de fatos, na devolutiva ao leitor (na apresentação de um texto padronizado de orientação sobre a doença, sem exposição de argumentos circunstanciados).

Isto é fake news!”: análise dos dados

Do conjunto do material, 80 (oitenta) *posts* (equivalentes a 94,1% do total) foram classificados pelo serviço de checagem de fatos “Saúde sem Fake News” como falsos (“Isto é fake news!”) e 05 (cinco), como verdadeiros (5,9% do total, com o selo “Esta notícia é verdadeira”). O conjunto total de produções textuais verbovisuais recebido pelo serviço do MS não é de acesso público. Supõe-se que essa porcentagem de checagem de informações falsas, na relação com as verdadeiras, seja proporcional ao montante recebido pelo MS, o que coloca em destaque tanto a inquietação do leitor, usuário direto ou indireto do serviço, quanto a responsabilidade do Ministério da Saúde no enfrentamento da desinfodemia.

A Tabela 1 mostra que a maior quantidade de devolutivas ao leitor do serviço está concentrada no mês de fevereiro de 2020, quando 29 (vinte e nove) textos de checagens (correspondentes a 34,1% do total) foram publicados pelo serviço. Naquele mês, o Brasil registrava o primeiro caso confirmado do novo coronavírus, em 26/02/2020.¹⁵ Em fevereiro, o serviço chegou a publicar nove *posts* diários (em 06/02 e 27/02) e no mês seguinte, 12 *posts* diários (em 23/3). Ainda no mês de março foram publicados 27 (vinte e sete) *posts* (31,8% do total). Os *posts* publicados nos meses de fevereiro e março somam 65,9% da produção total. Logo depois, há desaceleração do ritmo de divulgação das devolutivas ao público leitor, ao mesmo tempo em que o país acompanhava o aumento do número de casos e mortes por COVID-19. Em junho de 2020, quando foram registradas 30.315 mortes,¹⁶ houve publicação de um único *post*, o último do serviço, em ação inesperada para um canal institucional voltado a informações de qualidade e a orientações sanitárias num momento histórico crítico.

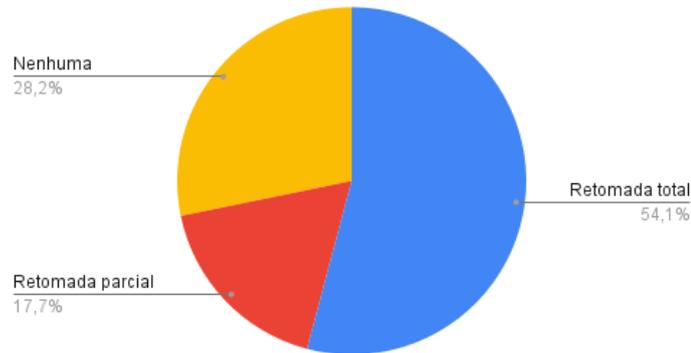
¹⁵ Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>. Acesso em: 14 abr. 2022.

¹⁶ Tratava-se do segundo maior registro de número de mortes daquele ano, precedido apenas pela quantidade de óbitos registrados em julho, como comentado. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/07/28/covid-mortes-julho-de-2021-julho-de-2020.ghtml>. Acesso em: 14 abr. 2022.



Na análise do material, privilegamos a investigação da projeção de um leitor modelo, de suas aptidões e competências, com base no tipo de devolutiva apresentado pelo serviço de checagem de fatos, segundo os critérios de (i) retomada total do objeto checado; (ii) retomada parcial do objeto checado ou (iii) nenhuma retomada. Os resultados obtidos com base nesse procedimento estão representados no Gráfico 1:

Gráfico 1: Retomada do objeto checado nos *posts* do serviço do MS



Fonte: Elaborado pelos autores.

A menção explícita a argumentos apresentados de modo circunstanciado em relação ao objeto checado pelo serviço do MS totaliza 71,8% das devolutivas, por meio de retomada total (54,1%) ou parcial (17,7%) do objeto checado. A ausência de retomada do objeto checado, com apresentação de texto padronizado de orientação sobre a doença, foi observada em 28,2% do conjunto total. A retomada total ou parcial do objeto checado, em diálogo com o que é apresentado no *post* do serviço, coloca em evidência uma preocupação institucional no que se refere à formação científica do leitor, por meio de conhecimento científico contextualizado (SIAROVA; STERNADEL; SZÖNYI, 2019), que contribui para que o sujeito possa reconhecer *fake news* em situações semelhantes, com potencial de modificar práticas sociais letradas de consumo e compartilhamento de informações. Apresentamos exemplos de devolutivas, seguidas de suas análises.

A Figura 2 apresenta uma produção textual com retomada total do objeto checado (os grifos em vermelho são nossos):

Figura 2: Exemplo de retomada total do objeto checado

CORONAVÍRUS

Pesquisa publicada por cientistas chineses diz que coronavírus tornará a maioria dos pacientes do sexo masculino infértil

MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE: ISTO É FAKE NEWS! ESTA NOTÍCIA É FALSA - NÃO DIVULGUE

● Por que é falso?

O artigo citado está em fase de pré-publicação e não foi revisado pelos pares, portanto tem pouco valor científico no momento. Esse artigo traz dados preliminares sobre a possibilidade de infecção de células do testículo pelo SARS-CoV-2 porém menciona que não existem dados suficientes para se estabelecer um risco de esterilidade.

Outros vírus são capazes de infectar essas células e causar inflamação nos testículos, como o vírus da caxumba por exemplo, no entanto na grande maioria dos casos essa infecção não leva a esterilidade. Desta forma nesse momento não podemos afirmar qualquer correlação do SARS-CoV-2 com esterilidade.

Não há comprovação científica da relação causal entre a infertilidade e a infecção pelo coronavírus.

Saúde sem Fake News
(61) 99289-4640
www.saude.gov.br/fakenews

Ministério da Saúde

Fonte: Adaptado do *site* do MS.

A Figura 3, por sua vez, apresenta uma produção textual com retomada parcial do objeto checado (os grifos em vermelho são nossos):

Figura 3: Exemplo de retomada parcial do objeto checado

CORONAVÍRUS

Unicef

O Corona vírus é maior do que o normal; o diâmetro da célula é de 400 a 500 microns e, por esse motivo, qualquer máscara impede a sua entrada no organismo.

O vírus não se propaga no ar.

O coronavirus, quando cai sobre uma superfície de metal, permanece vivo durante 12 horas. Lavar as mãos com água e sabão é suficiente para o destruir.

O corona vírus quando cai sobre num tecido, permanece vivo durante 9 horas, portanto, lavar a roupa ou colocá-la ao sol durante 2 horas, será suficiente para o eliminar.

O vírus só vive nas mãos durante 10 minutos. Assim, usar um desinfetante em gel também o eliminará.

O vírus exposto a uma temperatura de 26 a 27 °C morre.

A água que esteja exposta ao sol poderá ser consumida sem qualquer perigo.

Evitar comer gelados ou pratos frios; os alimentos quentes são mais seguros, visto que o calor elimina o vírus.

Gargarejar com água morna ou salgada mata os vírus que se alojam nas amígdalas e evita que passem para os pulmões.

Estas medidas são suficientes para evitar a ocorrência e propagação do vírus em qualquer parte do mundo.

UNICEF

14.24

**MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
ISTO É
FAKE
NEWS!
ESTA NOTÍCIA É FALSA - NÃO DIVULGUE**

● Por que é falso?

A temperatura do corpo humano é de pelo menos 36°C, assim, beber água a uma temperatura de 26 a 27 °C não traz benefício algum em relação à prevenção ou eliminação do coronavírus (COVID-19), uma vez que no corpo humano o vírus tolera temperatura de pelo menos 36°C.

Saúde sem Fake News

(61) 99289-4640
www.saude.gov.br/fakenews

Ministério da Saúde

Fonte: Adaptado do *site* do MS.

Por fim, a Figura 4 apresenta um tipo de devolutiva sem retomada do objeto checado, encontrado em 28,2% do conjunto do material:

Figura 4: Exemplo de devolutiva sem retomada do objeto checado

CORONAVÍRUS



● Por que é falso?
Até o momento, não há nenhum medicamento, substância, vitamina, alimento específico ou vacina que possa prevenir a infecção pelo coronavírus (COVID-19).

Saúde **sem** Fake News
 **(61) 99289-4640**
www.saude.gov.br/fakenews

Ministério da Saúde

Fonte: Adaptado do *site* do MS.

A produção do MS evidenciada na Figura 2, com retomada total do objeto checado, é constituída de texto verbal e verbovisual, em que há reprodução de notícia que teria sido veiculada em *site*, com o título “Pesquisa publicada por cientistas chineses diz que coronavírus tornará a maioria dos pacientes do sexo masculino infértil”. O título é sucedido por imagem em cores, em que a estrutura do novo coronavírus é representada em meio a espermatozoides. A notícia estaria assinada e datada, ainda que não seja possível recuperar essas informações dada a qualidade da imagem postada no *site* do serviço do MS. Trata-se de uma produção textual com a qual o leitor de mídias digitais pode se confrontar com frequência, dado o interesse por um assunto alarmante não apenas para homens, mas para a população de modo geral.

Essa “notícia” é classificada com o selo “Isto é *fake news!*”, com a advertência do Ministério da Saúde e a indicação (imperativa) de não se divulgar (compartilhar) esse texto. Nessa devolutiva, datada de 23/3/2020, o serviço apurou que a notícia sobre infertilidade em pacientes do sexo masculino, contaminados por COVID-19, advém de um artigo ainda em fase de pré-publicação (portanto, existente), mas com dados

preliminares e insuficientes e sem revisão por pares (portanto, com “pouco valor científico no momento”). A correlação sugerida entre COVID-19 e esterilidade não tem, assim, valor de argumento. Essa produção retoma de maneira integral o objeto checado, indo além, ao apresentar a explicação de que outros vírus seriam capazes de produzir inflamação nos testículos, a exemplo do vírus da caxumba. Na comparação com outro vírus mais popularmente conhecido, o MS busca se aproximar de uma competência enciclopédica do leitor, valendo-se de conhecimentos gerais sobre saúde. Ao mencionar a dinâmica de publicação em periódicos, com revisão por pares, o MS projeta, por sua vez, um leitor afeito a procedimentos de legitimação do fazer científico e estabelece como argumento irrefutável, para a qualificação do objeto checado como “falso”, a ausência de comprovação por consenso científico.

Em seguida, o tipo de devolutiva presente na Figura 3, com retomada parcial do objeto checado, foi encontrado em 17,7% das produções textuais verbais do serviço do MS. O *post* foi publicado em 23/3/2020, mesma data da publicação anteriormente avaliada (naquele dia, o MS publicou 12 *posts* sobre o novo coronavírus). Trata-se de mensagem atribuída ao Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), reconhecido órgão vinculado à Organização das Nações Unidas (ONU), e que teria circulado pelo aplicativo WhatsApp com “informações” (todas falsas e enganosas) sobre diâmetro do vírus; eficácia do uso de qualquer máscara em razão desse diâmetro; modo de propagação; período de sobrevivência do microrganismo fora do corpo humano; eficácia do consumo de alimentos e bebidas quentes como estratégia de eliminação do vírus.

O texto da devolutiva ao leitor prioriza desmentir apenas uma parte dessas informações, com foco na crítica à ingestão de água morna a 26° C ou 27° C como forma de prevenção ou de cura da COVID-19. O vírus, segundo o serviço do MS, suporta temperatura de pelo menos 36° C, a mesma do corpo humano hospedeiro, o que faz com que o procedimento indicado seja ineficaz. O serviço de checagem de fatos da Organização Mundial da Saúde (OMS) refutou uma série de informações falsas semelhantes a essa relacionada à temperatura: da água do banho, da exposição ao sol ou a climas quentes ou úmidos (ou ainda gelados).¹⁷ Considerando o funcionamento do gênero *post* (em seu formato, estilo e propósito comunicativo voltados ao leitor de mídias e à dinâmica de compartilhamento em plataformas digitais), o autor responsável pela produção textual (no caso, o serviço do MS) tem de levar em consideração a competência comunicativa/genérica do leitor, tendo, assim, de eleger o que confrontar. O fato de diversas informações falsas semelhantes à essa da temperatura terem sido disseminadas no Brasil e no mundo pode ter motivado essa escolha dentre o que seria possível comentar.

Por último, na devolutiva presente na Figura 4 - sem retomada do objeto checado -, publicada no *site* do MS em 03/3/2020, o serviço “Saúde sem *Fake News*” faz a apuração da notícia de que uma receita produzida com coco seria um método caseiro de cura da COVID-19. Trata-se da referência a um vídeo. A imagem editada que impede o reconhecimento facial daquele que estaria apresentando a recomendação pode ser a de qualquer conhecido. Não há no *post* do MS contextualização sobre como essa “notícia” teria sido produzida, nem indicação de *link* externo. O texto verbal da devolutiva retoma em “não há nenhum [...] alimento específico” o objeto checado, sem, no entanto, desenvolver argumentos que permitam ao leitor entender essa asserção. A apresentação

¹⁷ Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public/myth-busters#climate>. Acesso em 14 abr. 2022.

de texto padronizado com recomendações gerais contra o vírus foi verificada em diversas produções. Do conjunto de 85 (oitenta e cinco) *posts* publicados pelo MS, 54,1% exibiam indicações como “evitar contato próximo com pessoas que sofrem de infecções respiratórias agudas”, “realizar lavagem frequente das mãos”, além da crítica a métodos caseiros de prevenção e cura que envolvam alimentos e vitaminas. A vacina surgiria apenas no final daquele ano e, como é sabido, medicamentos ainda estão sendo desenvolvidos e testados. A frequência com que essas orientações gerais eram publicadas pode justificar a ausência de comentário sobre “O vírus não se propaga no ar”, atualmente informação falsa amplamente conhecida, e que havia sido veiculada em *post* checado pelo MS também no mês de março, como discutido com base na Figura 3.

Nos meses iniciais de enfrentamento da COVID-19, métodos caseiros de prevenção e cura foram amplamente disseminados em mídias digitais, como mostra o estudo de Galhardi *et al.* (2020) no Brasil. A orientação institucional sobre o que é verdadeiro e falso (e que exclui o debate sobre o que seria enganoso e não passível de comprovação), sem apresentação de justificativa circunstanciada sobre o objeto checado, pode ter utilidade social na instantaneidade de práticas letradas digitais. Entretanto, quando esse tipo de devolutiva é avaliado da perspectiva da formação científica requerida no combate à desinformação e à desinfodemia, recomendações generalizadas como essas projetam em seu horizonte um leitor modelo cujas competências na leitura de textos científicos seriam restritas, seja por disponibilidade de tempo, por formação acadêmico-científica, por (falta de) interesse pela temática, dadas as possibilidades de leitura em determinado contexto sócio-histórico.

Considerações finais

Neste artigo, buscamos problematizar os efeitos da pandemia da COVID-19 em práticas letradas digitais da contemporaneidade, considerando, por um lado, a dimensão ideológica e institucional dessas práticas, por outro, competências comunicativas requeridas do leitor no consumo de informações amplamente disseminadas em plataformas *on-line*. Numa conjuntura de fabricação e manipulação de notícias, de exploração dos limites do verossímil em atividades de publicidade e propaganda, de sátira e paródia, como observado por Assis, Komesu e Pollet (2021), como eleger critérios de leitura que permitam o exercício cidadão em meio à desinfodemia?

A proposta de um serviço de checagem de fatos de origem institucional, voltado à orientação do público leitor de uma sociedade, mostra-se de fundamental relevância na difusão de conhecimento científico contextualizado e na promoção de debate público sobre práticas de letramento científico e letramento midiático/digital, como destacado, dentre outros, por Galhardi *et al.* (2020) no contexto brasileiro e por Siarova, Sternedel e Szönyi (2019) no contexto internacional – ainda que críticas sobre a eficácia desse serviço, dado que a apuração de fatos demanda tempo do produtor e a devolutiva ao público leitor nem sempre tenha o alcance e a repercussão esperados, persistam. Em janeiro de 2022, era possível encontrar, no *site* institucional do Ministério da Saúde, seção destinada à COVID-19.¹⁸ Não havia mais, entretanto, menção a *fake news* e desinfodemia, num silenciamento de aspecto fundamental do enfrentamento da doença.

¹⁸ Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus>. Acesso em: 14 abr. 2022.



Num momento em que havia aumento de número de contaminados e mortos, a cessação de um serviço como esse tem destaque negativo. De uma perspectiva discursiva, a ausência de menção à desinformação e *fake news* é também um modo de ser presente. no conflito com outros discursos que exigem o enfrentamento de questões sociais urgentes - a da saúde pública, mas também a da formação cidadã e a da manutenção de debate democrático, frente a posicionamentos ideológicos dissimulados na forma de controvérsia (ASSIS, KOMESU, POLLET, 2021). A análise das 85 (oitenta e cinco) produções textuais verbovisuais publicadas pelo serviço de checagem de fatos “Saúde sem *Fake News*” do Ministério da Saúde do governo brasileiro, no período de 29/01/2020 a 08/6/2020, aponta para a projeção de um leitor modelo cuja imagem oscila entre um especialista interessado em ciências e aquele com formação científica pouco ou não consolidada. Partiu-se da hipótese de que um serviço de checagem de fatos direcionado à população de um país diverso como o Brasil necessita selecionar argumentos específicos para atingir a população num contexto de crise pandêmica em que há ampla circulação de informações falsas ou enganosas. Dado o propósito explícito do serviço, a expectativa, de fato, é de que seja excluído um mínimo de categorias de leitor, na formação de um público generalista.

A investigação das devolutivas mostra que pouco mais da metade delas apresenta retomada total do objeto checado (54,1%), aquela em que há apresentação de uma justificativa circunstanciada para a atribuição do selo “Isto é *fake news*!” ou “Esta notícia é verdadeira”. Esse trabalho de justificativa pormenorizada utilizava, em parte dos *posts*, fontes externas de qualidade na argumentação em favor ou contrariamente ao fato checado, a exemplo de estudos da OMS e de pesquisas realizadas por profissionais vinculados a instituições de saúde pública renomadas. Projeta-se, assim, uma imagem de leitor modelo com competência comunicativa/genérica, competência linguística e competência enciclopédica na área de ciências e saúde, de quem o serviço do Ministério da Saúde procura se aproximar e cuja formação científica busca impulsionar.

A retomada parcial ou a apresentação de um texto padronizado de orientação sobre a COVID-19, independentemente do objeto checado, aparece em pouco menos da metade do conjunto do material (45,9%). De nosso ponto de vista, a recuperação textual explícita de parte do objeto checado ou ainda a apresentação de texto padronizado projeta uma imagem de leitor modelo com formação científica pouco ou não consolidada, mais interessado na assertividade do fato checado, se “verdadeiro” ou “falso”, uma vez que a quantidade e a qualidade de informação em circulação sobre a COVID-19 (e assuntos afins) supera a possibilidade de uma atividade de leitura crítica. Ao distanciar-se de justificativa circunstanciada sobre o fato checado, aproxima-se de um interesse generalizado sobre ciências e saúde, com olhar atento para uma doença cujos efeitos ainda estão sendo investigados. Assim, o serviço de checagem de fatos “Saúde sem *Fake News*” contribui de maneira pontual na promoção do letramento científico.

Avaliamos, com Assis, Komesu e Pollet (2021, p. 26), que “o leitor emerge de práticas discursivas de leitura, de modos de circulação dos textos e seus suportes, de culturas disciplinares, segundo relações de poder e autoridade das sociedades [...]”. A constituição do leitor se dá, portanto, em meio a “[...] ‘injunções que lhe foram impostas’ [...] sócio-historicamente, mesmo que de maneira indireta” (idem). Desse modo, ao mesmo tempo em que é preciso considerar, em tempos de desinfodemia, a relevância de um serviço de checagem de fatos de natureza institucional, deve-se reconhecer seus limites, já que é preciso mais para mitigar a desinformação. Espera-se um projeto social

comprometido com a valorização da informação de qualidade e de um agir pautado na promoção dos letramentos críticos. Desinformação e *fake news* não podem ser tomadas como meio de comunicação institucional com grupos sociais, como mostrou o relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia, no Senado, na investigação de omissões e irregularidades nas ações do Governo Federal de Jair Bolsonaro.¹⁹ Da perspectiva dos estudos da linguagem, trata-se de um processo de leitura com o outro, no confronto entre visões sociais de mundo. Nesse contexto, a expectativa é a de que políticas públicas se voltem a uma possibilidade de irrupção de outras leituras e outros leitores.

Referências

ASSIS, Juliana Alves; KOMESU, Fabiana; FLUCKIGER, Cédric. Em torno dos efeitos da Covid-19 em práticas letradas acadêmicas. In: _____. (Org.) *Efeitos da Covid-19 em práticas letradas acadêmicas*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2020, v. 4, p. 9-31.

ASSIS, Juliana Alves; KOMESU, Fabiana; POLLET, Marie-Christine. A formação do leitor no contexto da desinformação e das fake news: desafios para os estudos de letramentos na pandemia da covid-19 e além. *Scripta*, v. 25, n. 54, p. 9-38, 2021. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/27640>. Acesso em: 14 abr. 2022.

CAMBRICOLI, Fabiana. Ministério da Saúde identifica 185 focos de fake news e reforça campanhas. *O Estado de S. Paulo*, 20 set. 2018. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,ministerio-da-saude-identifica-185-focos-de-fake-news-e-reforca-campanhas,70002510310>. Acesso em: 14 abr. 2022.

CARUSO, Francisco; MARQUES, Adílio Jorge. Ensaio sobre o negacionismo científico em tempos de pandemia. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 11, ago. 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/19538>. Acesso em: 14 abr. 2022.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. *Painel TIC COVID-19 1ª. edição: Atividades na internet, cultura e comércio eletrônico*. [S. l.: s. n.], ago. 2020. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20200817133735/painel_tic_covid19_1edicao_livro%20eletronico.pdf. Acesso em: 14 abr. 2022.

GALHARDI, Cláudia Pereira *et al.* Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da COVID-19 no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, p. 4201-4210, out. 2020. Disponível em: <http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/fato-ou-fake-uma-analise-da-desinformacao-frente-a-pandemia-da-covid19-no-brasil/17733>. Acesso em: 14 abr. 2022.

¹⁹ Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/mnas?codcol=2441&tp=4>. Acesso em: 14 abr. 2022.



GARCIA, Leila Posenato; DUARTE, Elisete. Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19. *Epidemiol. Serv. Saúde*, v. 29, n. 4, p. 1-4, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/PNHwvsf9bbQqDW9vj4pdnNH/?lang=pt>. Acesso em: 14 abr. 2022.

KOMESU, Fabiana; ALEXANDRE, Gabriel Guimarães; SILVA, Larissa Souza da. A cura da infodemia? O tratamento da desinformação em práticas sociais letradas de checagem de fatos em tempos de Covid-19. In: RODRIGUES, Daniella Lopes Dias Ignácio; SILVA, Jane Quintiliano Guimarães (Org.). *Estudos aplicados à prática da escrita acadêmica: colocando a mão na massa*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2020, p. 185-229.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Maria Cecília P. de Souza e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. Verbetes "Interdiscurso". In: CHARAUDEAU, Patrick.; MAINGUENEAU, Dominique. (Org.) *Dicionário de Análise do Discurso*. Coord. da Tradução: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004. p. 286-287.

MCINTYRE, Lee. *Post-Truth*. Cambridge, Massachussets: MIT Press, 2018.

MCLAREN, Peter. Culture or Canon? Critical Pedagogy and the Political of Literacy. *Harvard Educational Review*, v. 58, n. 2, p. 213-234, 1988.

MONARI, Ana Carolina Pontalti; BERTOLLI FILHO, Claudio. Saúde Sem Fake News: estudo e caracterização das informações falsas divulgadas no canal de informação e checagem de fake news do Ministério da Saúde. *Mídia e Cotidiano*, v. 13, n. 1, p. 160-186, abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/27618>. Acesso em: 14 abr. 2022.

NETO, Mercedes *et al.* Fake news no cenário da pandemia de COVID-19. *Cogitare Enfermagem*, v. 25, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.72627>. Acesso em: 14 abr. 2022.

NORRIS, Stephen. P.; PHILLIPS, Linda. M. How literacy in its fundamental sense is central to scientific literacy. *Science Education*, v. 87, n. 2, p. 224-240, 2003.

PAVEAU, Marie-Anne. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Organização: Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas: Pontes Editores, 2021.

POSETTI, Julie; BONTCHEVA, Kalina. Desinfodemia: decifrar a desinformação sobre a COVID-19. *Panorama Setorial da Internet*, v. 13, n. 3, p. 1-10, set. 2021. Disponível em: <https://cetic.br/pt/publicacao/ano-xiii-n-3-infodemia/>. Acesso em: 14 abr. 2022.

SIAROVA, Hanna; STERNADEL, Dalibor; SZÖNYI, Eszter. *Research for CULT Committee: Science and Scientific Literacy as an Educational Challenge*. Brussels: European Parliament, 2019. Disponível em: [https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2019/629188/IPOL_STU\(2019\)629188_EN.pdf](https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2019/629188/IPOL_STU(2019)629188_EN.pdf). Acesso em: 14 abr. 2022.



VIEIRA, Larissa Machado; SILVA, Núbia Rosa; CORDEIRO, Douglas Farias. Análise descritiva das fake news da saúde através de mineração de textos no Portal da Saúde. *In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO CENTRO-OESTE*, 11, 2019, Goiânia. *Anais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação da Região Centro-Oeste*, São Paulo: Intercom, 2019.

ZAROCOSTAS, John. How to fight an infodemic. *The Lancet*, v. 395, n. 10225, 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)30461-X/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)30461-X/fulltext). Acesso em: 14 abr. 2022.

